



Cuba recebe Obama: perspectiva de mudanças na política externa e nas relações econômicas dos Estados Unidos em relação a Cuba

Domingos Alves de Alemida¹
Julie Lemos Bohórquez²

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo discutir e analisar as mudanças na política externa e nas relações econômicas dos Estados Unidos em relação a Cuba, a partir do reestabelecimento das relações diplomáticas entre esses países, ocorrida em 2016. Buscamos refletir sobre os reais motivos e a conjuntura geopolítica que levaram a alteração da política externa dos EUA. Tomamos como recorte para o estudo o biênio 2015-2016, destacando as características econômicas do aspecto turístico de Cuba. Adotamos esse período por considerar os anos mais significativos desse processo político de reaproximação. Analisamos o número de *turistas visitantes*, *visitantes que pernoitam no país*, *ingressos turísticos* e *chegada de turistas internacionais por países*. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental e realizamos análise quantitativa e qualitativa nos dados levantados. Na base epistêmica, recorremos às contribuições de Robert Putnam (2008) à análise de política externa, por meio de suas reflexões presentes na teorização dos Jogos de dois Níveis, que discorre sobre as relações existentes entre atores políticos da política externa e interna com grupos de interesse.

Palavras-Chave: Política Externa, Relações Econômicas, Estados Unidos, Cuba, Turismo.

Cuba recibe a Obama: Perspectiva de cambios en la política exterior y en las relaciones económicas de Estados Unidos hacia Cuba

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina - ICAL e cursando Especialização em Relações Internacionais Contemporâneas, pelo Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política - ILAESP, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) Campus de Imperatriz, com período sanduíche em Comunicación na Universidad Anáhuac Cancún - UAC (México), por meio do Intercambio Internacional do Programa de Bolsas Ibero-americanas, SANTANDER/UFMA 2013-2014, para estudantes de graduação. Foi Bolsista e é Pesquisador e Extensionista do Projeto Alcântara Maranhão - ALMA: Re-escrevendo as Histórias das Comunidades Quilombolas em Alcântara Maranhão, gestado no Grupo de Pesquisa Memórias, Diversidades e Identidades Culturais (CCSST/UFMA). É membro do Grupo de Pesquisa em Convergência e Narrativas Audiovisuais (CONNAU-UFMA) e Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP-UFMA). Pesquisador do Projeto Governando contra as notícias: o primeiro ano do governo Flávio Dino nas páginas do jornal O Estado do Maranhão. É militante do movimento negro pelo Centro de Cultura Negra Negro Cosme de Imperatriz (MA). Tem interesse pelas seguintes áreas: América Latina, Educação, Ações Afirmativas, Movimentos Sociais, Comunicação e Política, Relações Internacionais, História do Jornalismo, Televisão, Teatro e Cultura Negra.

² Mestranda do Programa de Pós Graduação em Integração Contemporânea da América Latina - ICAL e cursando Especialização em Relações Internacionais Contemporâneas, pelo Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política - ILAESP, da Universidade Federal da Integração Latino-Americana - UNILA. Possui graduação em Cinema e Audiovisual também pela UNILA (2015). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema e audiovisual.

Resumen

Este trabajo tiene como objetivo discutir y analizar los cambios en la política exterior y en las relaciones económicas de EE. UU hacia Cuba, a partir del restablecimiento de las relaciones diplomáticas entre esos países, llevada a cabo en el 2016. Hacemos una reflexión sobre la real motivación y la coyuntura geopolítica que llevaron a la modificación de la política exterior de EE. UU. Tomamos como recorte para la investigación, los años de 2015 y 2016, destacando las características económica del aspecto turístico de Cuba. Consideramos esos años, los más significativo en el proceso político de acercamiento entre ambos países. Analizamos el *número de turistas visitantes, visitantes que pernoctan en el país, ingresos turísticos y llegada de turistas internacionales por países*. Como metodología utilizamos la investigación bibliográfica y documental a si mismo realizamos análisis cuantitativo y cualitativo. Recorrimos a las contribuciones de Robert Putnam (2008) al análisis de la política exterior, a través de sus reflexiones en la teoría de los Juegos de dos Niveles, en la que explica las relaciones existentes entre actores políticos de la política externa e interna con grupos de interés.

Palabras-Clave: Política Externa, Relaciones Económicas, Estados Unidos, Cuba, Turismo.

Cuba welcomes Obama: Perspective of changes in foreign policy and economic relations of the United States in relation to Cuba

Summary

The objective of this work is, to discuss and analyze the changes in the Foreign policy and in the Economic Relations from EE. UU to Cuba, since the restoration of the diplomatic relations between those countries, carried out in 2016. We reflect about the real motivation and the geopolitical conjuncture that led to the modification of the Foreign policy of EE. UU. Taking the 2015 and 2016 years as a cut for the research. Highlighting the economic characteristics of the touristic aspect of Cuba. We consider those years the most significant in the political process of the rapprochement between the two countries. We analyze the number of tourists, visitors who stay overnight, touristic income and the internationals arrivals by country. As methodology we use bibliographical and documentary research and perform quantitative and qualitative analysis. We refer to the contributions of Robert Putnam (2008) to the analysis of foreign policy, through his reflections on the “two-level game” theory, in which he explains the relations between political actors of foreign and national politics with groups of interest.

Key-Words: Foreign Policy, Economic Relations, United State, Cuba, Tourism.

Introdução

Por mais de 50 anos, os cubanos enfrentam inúmeras restrições resultantes do embargo econômico, comercial e financeiro imposto pelos Estados Unidos a Cuba. A partir de 2014, se intensificaram os esforços diplomáticos para eliminar um dos últimos vestígios da Guerra Fria na América Latina. Em 2014 e 2015, por exemplo, ante a Organização das Nações Unidas

(ONU), a resolução que pede o fim do bloqueio a Cuba foi aprovada por 191 países, dos 193 que compõem a Assembleia Geral. Na ocasião, apenas Estados Unidos e Israel votaram contra. Em outubro de 2016, pela primeira vez, esses dois países se abstiveram na votação. Esse último fato, pode ter relação com a visita do então presidente estadunidense, Barack Obama, a Cuba, no dia 20 de março de 2016. Um passo crucial para levantar o embargo econômico de vez e reestabelecer em definitivo as relações entre os países.

Neste sentido, o presente trabalho tem por objetivo discutir as mudanças na política externa e nas relações econômicas estadunidenses em relação a Cuba, a partir do estabelecimento das relações diplomáticas entre esses países. Assim, temos o seguinte problema de pesquisa: Como a reaproximação diplomática entre EUA e Cuba representa uma mudança na política externa e nas relações econômicas estadunidenses em relação à ilha caribenha? Além disso, faz-se necessário refletir sobre os reais motivos e a conjuntura geopolítica que levaram a alteração da política externa dos EUA nesse contexto.

Tomamos como recorte para o estudo o biênio 2015-2016, destacando as características econômicas do aspecto turístico de Cuba. Adotamos esses os anos por considerar o período mais significativo desse processo político de reaproximação. Para tanto, analisaremos o *número de turistas visitantes, visitantes que pernoitam no país, ingressos turísticos e chegada de turistas internacionais por países*, todos relacionados a Cuba. Como metodologia, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental e realizaremos análise quantitativa e qualitativa nos dados levantados.

Recorremos às contribuições teóricas de Robert Putnam (2008) à análise de política externa, por meio de suas reflexões presentes na teorização dos Jogos de dois Níveis, que discute sobre as relações existentes entre atores políticos da política externa e interna com grupos de interesse. Assim faremos, por entender que essa teorização possibilita, metodologicamente, uma análise sistemática dos aspectos da política externa, uma vez que leva em consideração em sua abordagem, tanto o nível nacional como o internacional de atuação dos Estados. Além de destacar a relevância de outros diversos atores e interesses envolvidos, que exercem influência sobre a tomada de decisões dos Estados, a nível doméstico e externo.

Mudanças políticas domésticas de Cuba e EUA

A princípio vamos a uma pequena definição do que é o imperialismo contemporâneo, a partir da perspectiva de Katz (2008), segundo quem, trata-se de uma polarização que gera assimetrias entre os países desenvolvidos e a periferia, pois obedece às relações de opressão,

pelo qual os países subdesenvolvidos, vão tendo uma duplicação da pobreza assim como o aumento da dívida externa. E a sua vez trataremos a dependência como uma antecipação e uma base para o imperialismo.

Romero (2013) apresenta seis características gerais do imperialismo capitalista contemporâneo, a primeira faz referência a que o capital volta às mesmas mãos de empresas ou companhias, ou seja, “a formação de monopólios e oligopólios” (2013, p. 3). A segunda, refere-se ao predomínio do cruzamento do capital dos bancos e das grandes indústrias, que produz o capital financeiro, então este seria a “dinâmica, a escala planetária, de interpenetración recíproca de actividades industriales, comerciales, bancarias y financieras en las corporaciones transnacionales que dominan la economía mundial” (ROMERO, 2013, p. 9).

Sobre os outros três pontos, assim explica Romero (2013):

c) la preponderancia de la exportación de capitales por sobre la exportación de productos; d) el reparto del mundo entre asociaciones capitalistas y potencias imperialistas; e) la penetración ideológica simultánea en el ámbito educativo, las instituciones religiosas y los medios de información de masas tanto de las naciones imperialistas como en los países dependientes; y f) la extracción de plusvalía de los países dependientes y la expropiación masiva en un contexto de universalización de las relaciones capitalistas de producción. (ROMERO, 2013, p. 3)

Na América Latina o imperialismo contemporâneo “impulsa processos de descolonização, que se insere na órbita da *acumulação por espoliação*” (VEGA CANTOR e MARTÍN NOVOA, 2014, p. 2-3). Esta acumulação incorpora os setores públicos ao capitalismo (privatizações da terra), assim como “a expulsão forçada das populações camponesas; a conversão de diversas formas de direitos de propriedade – comum, coletiva, estatal, etc.– em direitos de propriedade exclusivos [...] a transformação da força de trabalho em mercadoria e a supressão de formas de produção e consumo alternativos” (HARVEY, 2004, p. 109) entre outros.

Além disso, o controle dos recursos naturais, entre eles, metais e minerais é fundamental para os países centrais devido ao capitalismo de nossos dias. Tudo isso com a finalidade de satisfazer a produção e consumo destes países, assim como as classes médias (China, Índia, Rússia entre outros). Mas, os Estados Unidos tem um problema que é “a dependência energética do exterior” (YOPO, 2010, p. 1), motivo pelo qual procura os recursos em nossos países, com a finalidade de manter sua segurança interna.

No entanto, o imperialismo pode ser entendido pela “recolonização econômica dos países periféricos, que se apoia na crescente associação das classes dominantes locais com sócios do Norte” (YOPO, 2010, p. 4), de modo que, este não pode “funcionar unicamente com

imposição externa sem que precise de parceiros locais que em cada país encarnam esses interesses imperialistas” (VEGA CANTOR e MARTÍN NOVOA, 2014, p. 2-3).

Por tudo isso, é indispensável para este trabalho fazer uma aproximação à política doméstica tanto de EUA como de Cuba, partindo da perspectiva teórica do Jogo dos Níveis proposta por Putnam (2010) que explica que “o objetivo principal de todas as estratégias de política econômica externa é tornar as políticas domésticas compatíveis com a economia política internacional” (PUTNAM *apud* KATZENSTEIN, 2010, p. 150). Para o autor, o Estado deve-se ocupar do doméstico e internacional simultaneamente.

A política doméstica estadunidense, desde o primeiro governo de Barack Obama procurou fazer uma nova estratégia de segurança nacional. De acordo com Yopo (2010), isso se deve a diferentes fatores como, por exemplo: “a crise do sistema financeiro, a dívida fiscal, a perda de competitividade em algumas áreas, o declive da educação pública e os altos níveis de desemprego” (2010, p. 2). Isso levou o país a optar por fazer mudança na política doméstica, algumas como:

“a) asume la necesidad del multilateralismo; b) admite la importancia del diseño de políticas a partir del mundo ‘tal cuál es’... y reafirma la ilegitimidad de políticas que buscan imponer valores o sistemas de gobierno a través del uso de la fuerza, lo que dañó la credibilidad de Estados Unidos en el mundo” (YOPO, 2010, p. 2).

A posição que toma EUA com relação à América Latina não está muito presente na nova estratégia, mas, tem uma grande preocupação com a presença Chinesa na região, assim, como da Rússia e Irã, além das ameaças não convencionais (podem ser crimes transnacionais) que podem afetar o bem-estar e a segurança interna, por isso, o EUA mantém a região assegurada em especial por seus recursos e capacidades que esse tem para o interesse nacional.

Finalmente, Cuba, no governo de Raúl Castro, no ano 2010, publicou o “Proyecto de Lineamientos de la Política Económica y Social” este traz:

Lineamientos, como se les llama, son la respuesta a una demanda de años en la opinión pública, y un material clave del gobierno sobre la necesidad de contar con una referencia sobre la proyección estratégica del país frente a los cambios recientes en el contexto internacional, pero sobre todo en relación con los problemas internos acumulados. (SÁNCHEZ, 2011, p. 14).

Tudo isso se fez para solucionar problemas domésticos acumulados, tanto no âmbito social como no econômico. Este documento, contém diferentes diretrizes, que buscam trazer várias medidas para movimentar a economia, devido a problemas derivados do entorno internacional que se “ha caracterizado por la existencia de una crisis estructural sistémica, con la

simultaneidad de las crisis económica, financiera, energética, alimentaria y ambiental; con mayor impacto en los países subdesarrollados (CUBA, 2010, p. 5).

Essas são algumas das dimensões que traz o projeto: o fortalecimento da institucionalidade reorganizando o Estado; priorização do crescimento e a diversificação das exportações e a substituição das importações, assim como, a formação de diferentes políticas sociais e macroeconômicas.

Mas, esse processo de modificação da política doméstica de Cuba, não começou no ano 2010, desde 2004 o país vem incrementando as relações comerciais e financeiras com outros países, entre eles, China, Vietnam, Rússia, Angola, Irã, Brasil e Argélia, assim, como novas possibilidades de inserção internacional na Aliança Bolivariana para os Povos de Nossa América (ALBA) (CUBA, 2010).

Política bilateral de Cuba e EUA

A América Latina vem passando por importantes transformações no cenário político, econômico e social nos últimos anos. E, dessa forma, posicionando-se estrategicamente na geopolítica global. Nas duas últimas décadas, a emergência de políticos progressistas à presidência de diversos países da região, fortaleceu e/ou originou algumas iniciativas de integração regional que, de certa forma, acabou por reduzir a supremacia estadunidense sobre as nações latino-americanas. E esses processos integracionistas desencadearam também, movimentos político para assegurar a inserção e plena participação dos países latinos no sistema internacional.

Um dos casos mais significativo desse movimento é o apoio dispensado a Cuba, país que desde o início dos anos 1960 sofre as consequências do embargo econômico estabelecido pelos Estados Unidos, principalmente, por conta do seu processo revolucionário e do alinhamento político da Ilha, à época, com a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Conforme explica Dominguez Guadarrama (2015, p. 64), no âmbito comercial, a América Latina e o Caribe “se convirtieron, a partir de 2008, en el primer socio comercial de la Isla. En ese año representaron 52.5% del comercio total cubano, y para el 2010 se incrementó a 58.9%”.

Desde a imposição do embargo, o país caribenho tem sido foco de debates com as mais distintas abordagens, como no âmbito político, diante de organismos internacionais como a Organização das Nações Unidas (ONU) e Organização dos Estados Americanos (OEA). Recentemente, com a inserção de Cuba no sistema interamericano de forma plena, o país tem

atravessado um processo significativo de mudanças internas promovendo, por conseguinte, sua participação no mundo global e na economia internacional.

Entre as mudanças internas pelas quais a Ilha caribenha passou está uma série de reformas realizadas com o objetivo de atrair investidores externos. Segundo Honório e Mesquita (2015), essas reformas, inclusive, descaracterizam alguns aspectos do modelo de desenvolvimento do país socialista.

O ponto central dessas reformas baseia-se no entendimento do investimento externo como mecanismo de garantia da diversificação e atualização da economia cubana, e representa mudança substancial no modelo de desenvolvimento econômico e na estratégia internacional do país para o século XXI (HONÓRIO; MESQUITA, 2015, p. 01/02).

Nesse cenário de mudanças, além do apoio dos demais países da América Latina para por fim ao embargo econômico norte-americano, Cuba conta com a emergência da China à condição potência global e o interesse desse país pela região, bem como a perda gradativa de hegemonia hemisférica e global dos Estados Unidos.

O poder hegemônico norte-americano vem passando por metamorfoses desde a emergência da China, invasão no Oriente Médio, crises europeias, entre outros fatores. E, por isso, está buscando meios seguros para manter e aumentar a sua rentabilidade e manutenção do poderio, considerando que o mesmo enfrenta também, um momento de deterioração de seu poder comercial, produtivo e militar.

La debilidad hegemónica de Estados Unidos, más la fortaleza que ha adquirido Cuba gracias a una América Latina y el Caribe boyante, han sido factores fundamentales para que Washington busque a todas luces recuperar terreno en la región, vía el mejoramiento de relaciones con La Habana, mientras da muestras de libertad de mercado y espacio a la propiedad privada (DOMINGUEZ GUADARRAMA, 2015, p. 82).

Outro ponto a se destacar nessa proposta de reaproximação entre os dois países é a posição estratégica de Cuba que, de acordo com Honório e Mesquita (2015, p. 01), está posicionada em uma região (Caribe) que é “eixo logístico-estratégico dos fluxos comerciais que envolvem as disputas inter-imperialistas entre China e Estados Unidos”.

Por sua parte, o papel de China na economia mundial atualmente é indiscutível. E, especificamente no que diz respeito à relação comercial e econômica desse país com a América Latina nas últimas décadas, os números mostram que tem sido significativa, e que o país asiático está preenchendo o vazio estratégico deixado pelos EUA, conforme destaca Domínguez Guadarrama (2015):

El comercio entre América Latina y China se multiplicó por 22 entre 2000 y 2013, al pasar de 12 mil millones de dólares a casi 275 mil millones en 2013, mientras que el comercio de la región latinoamericana con el resto del mundo se multiplicó sólo por tres. Las exportaciones regionales a China se multiplicaron por 27 en los últimos 13 años, mientras que las importaciones se multiplicaron por 20. Si bien la región en conjunto mantiene déficit comercial con el gigante asiático, lo cierto es que las expectativas para equilibrar dicha situación son prominentes, luego de los resultados del Primer Foro Comunidad de Estados Latinoamericanos y Caribeños-China, que se realizó en Beijín los días 8 y 9 de enero de 2015. En esa ocasión, se suscribió la Declaración de Beijín, se estableció el Foro Celac-China y se acordaron las bases de la cooperación entre las partes. China invertirá 250 mil millones de dólares en América Latina y el Caribe en el curso de los próximos diez años, mientras que el comercio alcanzará los 500 mil millones (DOMÍNGUEZ GUADARRAMA, 2015, p. 66/67).

Com as fortes investidas chinesas na região, os Estados Unidos que, nas últimas duas décadas têm acumulado perca substancial de influência junto aos governos da América Latina, tem buscado recuperar sua hegemonia, agora, ameaçada pelo gigante asiático. Um dos fatores que levaram a essa perda de poder, além da certa autonomia regional adquirida, é o fato desses países serem contrários a política segregacionista norte-americana em relação a Cuba. E por isso, nesse momento de realinhamento político e busca para reestabelecer sua supremacia, os EUA abre o diálogo sobre o embargo econômico e comercial, ponto que une os países latinos em prol de Cuba e os coloca contra a política estadunidense.

Desta perspectiva, o recente reatamento das relações diplomáticas dos EUA com Cuba, explicita e aprofunda esta disputa pela supremacia regional. Foi uma vitória política indiscutível de Cuba e da América Latina, e também, do “internacionalismo liberal” de Barack Obama, que luta para sobreviver ao seu atropelamento pelo ultraconservadorismo dos republicanos, e de muitos dos seus próprios partidários democratas. Mas ao mesmo tempo, esta reaproximação é inseparável da expansão econômica chinesa no Caribe e na América Central, e do anúncio do novo “Canal da Nicarágua”, com 278 km de extensão, bem maior e mais complexo do que o Canal do Panamá. (FIORI, 2015, p. 06)

No entanto, vale ressaltar que, mesmo com o reestabelecimento das relações diplomáticas entre os dois países, os entraves do embargo econômico continuam. A decisão de suspender a política restritiva cabe ao parlamento estadunidense, dominado pela elite conservadora desse país. E os últimos acontecimentos políticos nos EUA, com a eleição do ultraconservador republicano Donald Trump para a Casa Branca, deixa incerto o futuro das negociações e ameaça até mesmo os avanços já alcançado pela diplomacia cubana e norte-americana.

Estudo de caso

Para realizar esta análise, elegemos como universo de pesquisa os aspectos da política externa e das relações econômicas entre Cuba e EUA, adotando como recorte as medidas de flexibilização do bloqueio econômico e os dados sobre o turismo no país caribenho entre os anos 2015 e 2016. O impacto do bloqueio econômico, comercial e financeiro dos Estados Unidos a Cuba “durante el período comprendido entre abril de 2015 y abril de 2016, asciende a 4 mil 106 millones 878 mil 558 dólares. Ello significó un aumento de 255 millones 962 mil 129 dólares, en comparación con las afectaciones registradas en el período anterior” (INFORME DE CUBA, 2016, p. 25).

Dentre as medidas adotadas pelo presidente Barack Obama para o restabelecimento das relações diplomáticas entre Cuba e EUA, no campo diplomático, está a abertura das embaixadas em Washington e Havana. No que se diz respeito à viagem de cidadãos norte-americanos ao país caribenho foi definido que serão autorizadas viagens nas seguintes categorias: visitas de família; negócios oficiais do governo dos EUA, governos estrangeiros e certas organizações intergovernamentais; atividade jornalística; pesquisa profissional e encontros profissionais; atividades educacionais; atividades religiosas; competições esportivas, workshops e performances públicas; ajuda ao povo cubano; projetos humanitários; atividades de fundações privadas ou institutos educacionais; exportação, importação ou transmissão de informação e transações de exportação que possam ser autorizadas mediante regulações já existentes.

Além de isso, os norte-americanos poderão viajar a Cuba para empreender atividades educacionais dirigidas à sociedade civil, sem precisar requerer a partir de agora o amparo de uma organização estadunidense e poderão comprar produtos cubanos, como rum e tabaco, em "terceiros países", algo proibido até então. Cuba poderá exportar software a empresas dos EUA que poderão aumentar sua "presença física" na ilha, com escritórios, lojas e depósitos, especialmente companhias exportadoras, serviços de correios e transporte. Assim, esse processo de reaproximação diplomática se consolidou com a visita do presidente Barack Obama, a Havana em março de 2016.

A partir dessas iniciativas, alguns aspectos políticos, sociais e econômicos caribenhos e, por consequência cubanos, passaram por algumas mudanças. Um desses aspectos é o turismo internacional que, conforme apresenta a *Oficina Nacional de Estadística e Información* (ONEI) de Cuba, o país recebeu uma quantidade de turistas, no primeiro semestre de 2016, superior ao mesmo período do ano anterior, registrando um aumento de 11,7% dos visitantes que ingressaram na ilha.

Tabela 01 - Principais indicadores do turismo internacional

Indicadores	Unidade	Janeiro-Junho		Variação em %
		2015	2016	
Visitantes	Número	1 923 303	2 147 919	11,7
Pernoitações	Número	12 425 674	12 487 666	0,6
Ingressos turísticos	CUC	1 060 603,0	1 219 316,5	15

Fonte: ONEI 2015-2016.

Como apontam os principais indicadores da ONEI, no primeiro semestre de 2015 ingressaram 1.923.303 *turistas visitantes* em Cuba, enquanto que, no mesmo período de 2016 foram 2.147.919, crescimento de 11,7%. Nesse mesmo ciclo, o número de *turistas que pernoveram* no país foram 12.425.674, em 2015, e 12.487.666, em 2016, o que demonstra um aumento de 0.6% em relação ao anterior. Ainda segundo os dados da ONEI, os *ingressos turísticos* em Cuba alcançaram 1.060.603,0 de *Peso Cubano Convertible* (CUC), moeda equivalente ao dólar norte-americano, no primeiro semestre de 2015 e 1.219.316,5 CUC na mesma temporada de 2016, o que equivale a um aumento de 15%.

A partir do exposto, podemos sugerir que os dados acima já são reflexos das medidas adotadas por Cuba e Estados Unidos no âmbito das negociações diplomáticas, para reduzir os efeitos do embargo econômico, comercial e financeiro, que acomete os cubanos. Como se nota houve um aumento de 11,7% na chegada de turistas visitantes que possibilitou a arrecadação de 15% a mais do setor turístico.

Tabela 02 - Chegada de visitante internacional por países, acumulado

País de origem	Janeiro-Junho		Variação em %
	2015	2016	
Canadá	833 889	777 678	-6,7
Comunidade cubana no exterior	181 413	187 073	3,1
Estados Unidos	76 183	136 913	79,7

Fonte: ONEI 2015-2016.

Com relação aos dados sobre a *chegada de turistas internacionais* por países a Cuba foi registrado o ingresso de 1.923.303 em 2015 e 2.147.919 em 2016, um crescimento de 11,7%. Entre as três nações que mais enviaram turistas estão, respectivamente, Canadá com 833.889 (2015) e 777.678 (2016); comunidade cubana no exterior com 181.413 (2015) e 187.073 (2016) e Estados Unidos com 76.183 (2015) e 136.913 (2016).

Os dados apresentados acima demonstram que o maior crescimento no número de visitantes internacionais por países que chegaram a Cuba, entre os primeiros seis meses de 2015 e 2016 corresponde a cidadãos norte-americanos, o que pode ser interpretado como indícios de

resultados da reaproximação diplomática entre os Estados Unidos e Cuba. No caso de turistas canadenses houve uma queda de 6,7%, ainda assim, eles representam o terceiro maior contingente de turistas a visitarem Cuba.

Outra possível explicação para o aumento nesse percentual de turistas no país é devido ao fato de que nos Lineamentos da Política Econômica e Social proposto por a Cuba em 2010, há uma política para o turismo e uma de suas diretrizes propõe o incremento da qualidade dos serviços para o aumento da competitividade do país, assim, como a diversificação complementar dos hotéis. Por outro lado, em dezembro de 2015, Cuba e Estados Unidos chegaram a um acordo para restabelecer voos diretos e regulares entre os dois países.

Além disso, o Departamento do Tesouro autorizou os americanos a viajarem para Cuba desde que, entre outras coisas, o viajante se dedique a um programa de atividades de intercâmbio educacional em tempo integral que resulte em significativa interação com os cubanos. Anteriormente exigia-se que os americanos viajassem a Cuba sob os auspícios de uma organização e fossem acompanhados por um representante da instituição patrocinadora.

Conclusões

A política de reaproximação diplomática de Cuba e Estados Unidos, por conta do bloqueio econômico, comercial e financeiro é resultado da resistência cubana e do papel protagonista da América Latina, que ocupa uma posição de destaque na conjuntura política e econômica global e que, se posicionou ao longo das últimas décadas em favor das reivindicações cubanas pelo fim do bloqueio.

Assim, a reabertura diplomática representa uma dupla conquista, para Cuba, que pode acessar, embora ainda com restrições, o extenso mercado estadunidense e integrar-se ao mercado econômico global que é uma política doméstica do mencionado país, e para a América Latina que toma esse fato como uma vitória política sobre os Estados Unidos.

No entanto, cabe ressaltar que esse é um avanço que pode retroceder por dois motivos, primeiro por conta da nova guinada à direita de países estratégicos para Cuba na América Latina, como Argentina com a eleição do empresário direitista Mauricio Macri, Brasil com o golpe parlamentar que destituiu a presidenta eleita Dilma Rousseff, a Venezuela que enfrenta problemas políticos com a tentativa de desestabilização do país por parte da oposição ao governo de Nicolás Maduro

O segundo ponto trata-se do caráter racista e pouco amistoso em relação a Cuba do novo presidente estadunidense, o republicano e ultradireitista, Donald Trump, que por conta de sua

política nacionalista pode estancar ou até mesmo retroceder os avanços nas negociações diplomáticas entre os dois países americanos. O próprio histórico da política de presidentes republicanos nos Estados Unidos em relação a Cuba pode apontar para essa possibilidade.

Contudo, cabe aguardar os próximos passos das negociações diplomáticas. Desde que assumiu a Casa Branca, o presidente Donald Trump não se manifestou sobre o assunto, nem deixou transparecer como os Estados Unidos vai se comportar em relação ao embargo contra Cuba, durante o seu governo. Qualquer manifestação do presidente norte-americano, independente de qual sentido seja, vai reverberar na articulação da política internacional dos países latino-americanos.

No que diz respeito aos resultados já alcançados pelos avanços na política bilateral dos dois países, principalmente no campo turístico, aspecto analisado nesse trabalho, podemos apontar, com base nas cifras apresentadas, que o setor turístico teve um impacto significativo em termos econômico, considerando que houve aumento no número de turistas, visitantes, principalmente norte-americanos, e de aporte financeiro no período correspondente aos primeiros semestre dos anos 2015-2016.

Referências

CUBA. **Lineamientos de la política económica y social**. IX congreso de la unión de jóvenes comunistas. Habana, 2010. Disponível: <http://www.cubadebate.cu/wp-content/uploads/2011/05/folleto-lineamientos-vi-cong.pdf>. Acessado em 10 nov 2016

DOMÍNGUEZ GUADARRAMA, Ricardo. **Cuba y Estados Unidos: el largo proceso del reconocimiento Latinoamérica**. Revista de Estudios Latinoamericanos do Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe. N. 60, p. 53-92. Distrito Federal, México, 2015.

FIORI, José Luís. **Geografia e estratégia: A reaproximação entre Cuba e os EUA contém um paradoxo e uma lição geopolítica, sobretudo para os países que se propõem subir na escada internacional do poder**. Carta Maior, São Paulo, 2015. Disponível em: <http://cartamaior.com.br/?%2FColuna%2FGeografia-e-estrategia%2F32513>. Acessado em 10 nov 2016.

HARVEY, D. **O "novo" imperialismo: acumulação por espoliação**. Socialist Register, 2004.

HONÓRIO, Karen e MESQUITA, Lucas. **A nova política externa cubana**. Carta Capital. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/blog-do-grri/a-nova-politica-externa-cubana-5279.html>. Acessado em 10 nov 2016.

KATZ, C. **EL imperialismo del siglo XXI**. Seminario guevarista internacional. [S.l.]: [s.n.]. 2008. p. 24.

MARTINS, Carlos Eduardo. **A Hegemonia dos Estados Unidos e o Sistema Mundial: Perspectivas para o Século XXI.** In: VII Encontro Nacional de Economia Política, 2002, Curitiba, 2002.

PECEQUILO, Cristina Soreanu. A América Latina na era Obama (2009/2013): o fim da doutrina Monroe? **In: Diálogos sul-americanos: 10 anos da política exterior/ org.:**

ONEI. **Turismo internacional indicadores seleccionados.** Habana, Cuba, 2016.

PUTNAM, R. Diplomacia e política doméstica: a lógica dos jogos de dois níveis. **Social Política**, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 147-174, Junho 2010.

RAMANZINI JÚNIOR, Haroldo Filipe MENDONÇA, Almeida do Prado. Hemisfério em transformação: novas dimensões na relação entre os Estados Unidos e a América Latina. **In: Diálogos sul-americanos: 10 anos da política exterior/ org.:** THOMAZ, Laís Forti,

ROMERO, F. El imperialismo contemporáneo y sus efectos en el complejo agroindustrial. [S.l.]: [s.n.], 2013.

SÁNCHEZ, J. M. Cuba- El cambio interno y la política norteamericana, en busca de la racionalidad perdida. In: AYERBE, L. **Cuba, Estados Unidos y América Latina frente a los desafíos hemisféricos.** Buenos Aires: [s.n.], 2011.

VEGA CANTOR, R.; MARTÍN NOVOA, F. **Colombia y el imperialismo contemporáneo: Un eslabón geoestratégico de los Estados Unidos.** [S.l.]: Ocean sur, 2014.

YOPO, B. **La nueva estrategia de seguridad nacional de Estados Unidos.** Friedrich Ebert Stiftung, Julio 2010.